

epidemia, tem o apoio financeiro da Agência Japonesa de Cooperação Internacional (JICA), da Cooperação GIZ da Alemanha, e o apoio em recursos humanos do Japão, da Agência Brasileira de Cooperação. No caso da JICA, tem implemen-

tado um projecto de cooperação técnica designado “Projecto de fortalecimento das capacidades do NPCCS de Gaza no período de 2012 até 2015”, com o objectivo de reduzir o número de casos de novas infecções, e tem consegui-

do bons resultados. Tendo em conta estes resultados, foi feita uma nova solicitação de cooperação técnica com a JICA para aplicação na província de Nampula das boas práticas que foram obtidas na província de Gaza. **(Bernardo Álvaro)**

Canal de Opinião

por Noé Nhantumbo

Agiganta-se a ofensiva contra a paz

Eufemismos, máscaras e espantalhos, tudo vale.

Beira (Canalmoz) – Não é por ingenuidade ou ignorância que se levantam vozes “esclarecidas” a exigir que Afonso Dhlakama se entregue de bandeja e que se submeta ao que a Frelimo e o seu Governo querem.

As diferentes proclamações de eruditos, religiosos e antigos governantes advogando soluções para a crise política em Moçambique não disfarçam, em geral, que se pretende continuar a impor a vontade do antes partido único.

Há os extremistas que até desenharam tácticas que deveriam ser seguidas para eliminar AMMD da mesma maneira que o Governo do MPLA, em Angola, eliminou Jonas Malheiro Savimbi.

Nas redes sociais, circula uma afirmação atribuída ao laureado Mia Couto em que este se te-

ria manifestado contra as precondições exigidas por AMMD por forma a encontrar-se com FJN.

Todos temos o direito a opinião, e opinar não é crime como a PGR queria dar a entender com a acusação a três moçambicanos, dois jornalistas e um académico, alegadamente por terem escrito e divulgado uma carta crítica em que o visado era Armando Guebuza, antes PR.

O que é mau é que se utilize o direito a opinião para alavancar uma ofensiva contra um compatriota que tem visto os seus direitos políticos violados através de manobras dilatórias, fraudes e mesmo ataques armados em forma de emboscadas e cerco da sua residência com recurso a um forte aparato militar e policial.

É ilusório pensar que a eliminação física de AMMD irá resolver

os problemas de Moçambique.

Extrajudicialmente foram mortos compatriotas como Urias Simango, Joana Simeão, Mateus Pinho Gwengere e outros, mas isso não resolveu os problemas de Moçambique. Se-meou ódios e alimentou desejos de vingança, abriu caminho para que se instaurasse o partido único no país. Foi a rampa de lançamento para a emergência de um poder discricionário, centralizado num grupo de pessoas “omnipotentes e omnipresentes” através de toda uma máquina partidária. O Estado policial que se viveu durante os primeiros anos da Independência foi uma realidade.

Os cultores da paz, se assim o são, precisam de demarcar-se de proclamações que demonizam compatriotas.

Moçambique precisa de ver os

Anuncie no
Canalmoz

Contacte-nos:

canalpdfs@gmail.com ou graficocanalmoz@gmail.com

Telefone: (+258) 82 36 72 025 | (+258) 82 30 53 185 | (+258) 84 31 35 996

seus intelectuais, artistas, desportistas, religiosos e políticos abraçando a causa da paz nacional sem rodeios nem tentativas de favorecimento de uma das partes.

Gente com créditos firmados em importantes áreas do saber não deveria pronunciar-se de ânimo leve propondo que se “acomodem” os generais da Renamo, como se isso fosse resolver os problemas nacionais.

Os antigos combatentes da libertação nacional ainda estão sem as suas pensões de reforma resolvidas volvidos quarenta anos após a Independência.

Mas enquanto tudo isso não acontece, um grupo de cidadãos especiais tem enriquecido e visto todos os seus problemas existenciais resolvidos.

Desarmar a Renamo não é o problema de Moçambique. É um falso problema que foi criado por quem não queria Forças Armadas apartidárias e tinha uma estratégia bem definida para diminuir progressivamente os integrantes das FADM provenientes da Renamo.

Não se pode pretender que os nossos “ilustres intelectuais”, analistas de serviço, comentaristas televisivos habituais não saibam disso.

Algumas defesas do diálogo sem pré-condições são simplesmente patéticas. Afinal pode haver encon-

tro hipoteticamente destinado a trazer a paz sem que exista uma agenda concreta? Pode haver encontro sem que as partes tenham garantias de segurança? Quem vai garantir segurança a quem, depois de sucessivas emboscadas? Haja um mínimo de seriedade e discernimento.

A paz de que tanto se fala, se não for digna e consensual, continuaremos a ter problemas, como se viu depois de vinte anos de uma semi-paz.

É extremamente perigoso que figuras de relevo na arena governamental e noutros segmentos sociais se envolvam em campanhas de lavagem cerebral similares a outras que se faziam nos tempos da I República.

Existe uma arreigada cultura de desprezo pelos outros, que se manifesta pelo insulto e abusos dos direitos dos outros. Há gente que se julga herdeira histórica do país e, como tal, não tem que partilhá-lo e compartilhá-lo com ninguém. Claro que isto é inaceitável para a maioria dos moçambicanos. E, porque inaceitável, tem sido razão para a eclosão de crises cíclicas.

Na óptica de compatriotas que se enquadram no grupo dos “omniscientes”, mais ninguém pode estar à frente dos destinos da nação que não eles.

Quem nunca viu o desdém

que mostram quando se referem aos seus opositores políticos? Quem nunca viu o ódio que têm?

Houve até alguns que disseram que jamais apertariam a mão a AMMD.

Convenhamos que quem assim se manifesta não está preparado para a reconciliação nacional.

Os pontos de discórdia são conhecidos, e é contraproducente vermos governantes dizerem que as reivindicações da Renamo não possuem bases, como disse recentemente o novo governador de Inhambane.

Afinal o que se estava a fazer no CCJC durante aquelas rondas negociais todas?

Estamos numa situação complicada, tudo porque não há honestidade.

Os “donos do país” não querem ouvir falar daquilo que colocaria em risco a sua apropriação do país.

O recurso à CRM, sempre que para defender o “status”, já não cola, porque os utilizadores deste argumento coincidem com os que orquestraram a megafraude de 2014.

Nem os serviços “preciosos” prestados por pessoas como o sr. Hannon, em Maputo ou em Londres, não convencem, porque não há pequena fraude. Quem rouba mil meticais ou um milhão de meticais tem um único nome: ladrão. **(Noé Nhantumbo)**

Preçário de Assinaturas | Distribuição diária por e-mail | 20 edições mensais

Canalmoz

Publicidade

Tipo de Assinante	(USD) Contratos Mensais (i)	(USD) Contratos Anuais (12 Meses) (ii)
(a) Pessoa Singular	20	15 usd x 12 meses = 180 usd
(b) Empresas e Associações de Direito Moçambicano	40	30 x 12 = 360
(c) Órgãos e Instituições do Estado	50	40 x 12 = 480
(d) Embaixadas e Consulados em Moçambique e Organismos Internacionais	60	50 x 12 = 600
(e) Embaixadas e representações Oficiais de Moçambique no exterior	60	50 x 12 = 600
(f) ONG's Nacionais	30	20 x 12 = 240
(g) ONG's Internacionais	50	40 x 12 = 480

Notas

- Os valores expressos poderão ser pagos em Meticais ao câmbio do dia do mercado secundário
- Nas facturas e recibos inerentes deve-se mencionar a letra que corresponde ao tipo de assinatura
- (i) Pronto pagamento ou débito directo em conta bancária
- (ii) Pronto pagamento ou débito directo em conta bancária